

Do Zicartola ao sucesso:

breve
história
de



PAULINHO DA VIOLA

No começo era o fascínio pelo som. Ele era muito menino. Depois a música e mais tarde o instrumento: o violão tocado pelo velho Benedito César de Faria ficava ali mesmo, na mesa da sala, depois das serestas ou dos concertos domésticos. O "velho", músico e amigo de Jacó do Bandonim, não ensinava nada mas deixava Paulinho dedilhar. E a viola virou nome próprio. Paulinho, artista famoso. Um festejado poeta urbano. A viagem para o estrelato até que foi rápida: em 1964 ainda era bancário. Um escriturário. Ai veio o Zicartola, na Rua da Carioca, a amizade com Zé Kéti, alguns festivais e hoje é o público refinado de boate famosa que o aplaude.

Apenas um ensaio

A boate vazia. Ou quase. No palco iluminado o rapaz de riso doce está quase no fim do ensaio. Mais um show, desta vez sem "laqué", ou se-

ja, um show simples mas com muito conteúdo.

— Paulinho, agora fica de pé. Se sentir vontade dança iê-iê-iê, vem aqui para baixo. Faz o que quiser. É o fêcho.

Os diretores José Mynssen e José Luis orientam mas estão tranquilos. Rosinha de Valença, a grande violonista, assistiu ao ensaio anterior. Gostou e prometeu assistir a estréia, no dia 13 de agosto. Data estranha mas que não assustou a moçada.

Alguém na platéia, resumida e íntima, não resistiu: "Tô me sentindo de férias. Este cara canta tão gostoso, suas músicas são tão boas que me sinto de férias. Tranquilo, tranquilo."

No palco Paulinho da Viola não sente vontade de dançar, nem de pular para a platéia ou pista de dança.

— Sabe dum treço? Prefiro encostar no banco e abraçar o violão.

Ele é tímido. Os diretores sabem disto e respeitam. Mas

sabem que ele também é muito bom artista.

— Faz o que você quiser. E tá tudo legal.

Paulo César Batista de Faria. Nasceu em Botafogo e foi "batizado" em roda de samba. Em sua meninice pôde ouvir o pai, considerado um dos maiores "violões" do Brasil. O resto, em sua vida de garoto, foi normal. As aulas na Escola Joaquim Nabuco, as peladas nas horas vagas e tudo mais. Depois o Colégio Amaro Cavalcanti, no Largo do Machado, de onde saiu com o título de técnico em Contabilidade. O violão já encaixava bem em suas mãos. Mas tudo saía como se fosse apenas um ensaio para formar um astro.

Do banco ao Zicartola

— Vamos dar mais uma passada, OK?

Elton Medeiros, Elizeu, Marçal, Dininho e Mestre Copinha deixaram a música sair. O pandeiro, o reco-reco, a cuíca, o baixo, a bateria e a flauta. O violão chegou depois e com ele a voz de Paulinho da Viola: "Jurar com lágrimas..." Era o último ensaio. No outro dia a boate estaria lotada, escura e exigente.

E Paulo César lembrou do tempo em que ficava às voltas com números numa das agências bancárias do Rio. Os números não deviam estar ali. Ele só via notas musi-

cais. Até 1964 foi escriturário. Tentou a Faculdade de Economia e "levou pau". Menos um economista para o Brasil.

O compositor Hermínio Belo de Carvalho, seu amigo, que já ouvira a sua bossa, convidou para uma noite no Zicartola ali na Rua da Carioca. Paulo César foi e gostou. Voltou e um dia tocou.

— Estavam homenageando o Ismael Silva mas faltou o acompanhante. E lá fui eu. Depois foi uma homenagem a Noel. Toquei de novo e acabei cantando. Conheci o Zé Kéti que me convidou para acompanhá-lo. Ele estava em fase boa. A da "Opinião", lembra? Ai começou pra valer.

O LP "A Voz do Morro" foi editado. E ele disse presente com sua voz, seu violão e três músicas: "Jurar com Lágrimas", "Conversa de Malandro" e "Coração Vulgar". Depois foi o show "Rosa de Ouro".

Não te trai, Portela

"Paulinho da Viola é importante. Ele trouxe de volta o velho samba brasileiro que nós tanto amamos". Quem fala é Vinícius.

O ensaio terminou. Paulinho atende simpaticamente a uns turistas que querem conhecê-lo. Está vestido com camisa azul e calça branca. As cores da Portela.

Sua primeira saída em escola de samba foi na Unidos de Jacarepaguá. Mas o primo "Bigode", em 1963, o trouxe para a Portela.

— "Bigode" era diretor de bateria da escola.

E lá foi o rapaz, magricela e risonho, na Ala dos Compositores. Três anos depois fazia o samba-enredo "Memórias de um Sargento de Milícias". Foi o vitorioso. Com "Casquinha" fez "Recado" e mais tarde "Sei lá, Mangureira".

— Um dia o Hermínio Belo de Carvalho apareceu com a letra de "Sei lá, Mangureira". Ia pedir a um seu parceiro para colocar a música. Mas eu senti inspiração e fiz uma na hora. Ai entramos no Festival de São Paulo com "Sei lá, Mangureira" e outras duas. Torci à beça para as outras entrarem, mas ela não. A turma da Portela podia achar ruim. Mas só ela entrou. Tentei tirá-la. Não deu.

O GLOBO ☆ 19-3-70 ☆ Página 11



O medo de que achassem que ele traiu a Portela exaltando Mangureira desapareceu com o tempo. Mas foi "Foi um Rio que passou em minha vida" que sarou a ferida:

— A Portela estava desarmada e desanimada atrás da Candelária para o seu desfile deste ano. Ai cantei "Se um dia...". Todo mundo entrou na minha, desfilamos animados e vencemos. Portela, eu não te trai nunca.

Sinal fechado e influências

Casado, 27 anos e duas filhas, está pronto para o sucesso. O show sem muitos ar-

tador se sinta "em casa". Nada estridente, tudo samba.

E foi no samba que ele se criou. O samba autêntico. Por isto seu estilo não sofre influências de ritmos modernos estrangeiros. Na sua casa não entravam discos a não ser os de chorinho "e outras milongas mais".

— Está claro que absorvi muito do Cartola, do Nelson Cavaquinho, de meu pai e de outros compositores da época.

— E o "Sinal Fechado"?
— "Sinal Fechado" foi outra jogada. Nela só quis entranhar uma coisa muito divulgada por ai: a comunicação. Todo mundo já esteve na situação dos personagens da música: em seus carros, querendo matar saudades enquanto o sinal não abre.

da Record mas Paulinho da Viola foi vaiado por uma platéia de pé.

Alguém protesta: "Essa não. Ela é linda. Quase erudita".

— É. Eu estudei e estudo música e harmonia. Nesta composição tirei muito de Vila-Lobos, que por seu turno sofreu influência de Debussy.

Pesquisou samba, descobriu Paulinho

É a estréia do show de Paulinho da Viola. Antes no Zicartola, hoje em boate, amanhã, quem sabe, em show montado num palco de teatro. "Sinal Fechado" foi aplaudi-

— Que estória foi esta de filme inglês?

— O cineasta me convidou para filmar. Não sei o nome dele. Era André de alguma coisa. Na hora "h" quis diminuir o pagamento a quase nada. Não aceitei, é claro. Profissional brasileiro precisa ser valorizado. Mas uma das minhas músicas foi gravada para o filme. Também não sei o nome da fita. A música é "Pressentimento". Ele me des cobriu nos arquivos da Odeon em Londres quando pesquisava o samba.

— E para o futuro?

— Sabe duma coisa? Eu não gosto de fazer muitos planos. Mas acho que um show er teatro pesava bem. Assim como este, sem muito enfeite mas com muito samba autêntico. E a apresentação no FI